



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

O FILHO DA GUERRA

Autor(es)

ÂNGELO ANTÔNIO DORES GONÇALVES TEODORO

Contos / Cricas

Depois do pequeno-almoço, o capitão chamou-me à tenda de comando e informou-me que o meu filho morrerá.

- Foi um acidente de automóvel, mas a sua mulher está bem.

A tenda ampla e verde escura albergava um cacifo cinzento, uma mesa redonda com mapas desarrumados, caixotes de madeira com referências numéricas, uma secretária de madeira com papéis escritos, e um capitão de bigode empoeirado e olhar duro. De repente, tudo se reduziu a um ponto sem cor, como se um buraco negro absorvesse todo o sentido das coisas. Um zumbido agudo surgiu de longe e atravessou-me o corpo e a maneira de pensar.

- Ia fazer três anos no próximo mês. - Levei a mão à garganta para segurar a voz.

O capitão levantou-se e deu-me um abraço curto e desajeitado, mais por dever que por empatia. Depois regressou para a secretária, com os olhos baixos para esconder o constrangimento. Eu continuava em pé, a segurar-me.

- E agora?

- E agora vais ter o resto do dia para ti, para descansares. Não te podemos dispensar porque amanhã vamos atacar a ponte e precisamos de todos. Tens aqui a ordem de dispensa para entregar ao sargento.

Não era esse “e agora” que eu queria ouvir, eram outros: e agora, como vou viver? E agora, como conseguirei arranjar forças para dar um passo? E agora, onde vou guardar toda esta dor que não me cabe no peito?

Peguei na folha e guardei-a no bolso.

- Agradeço.

- Força. Vai lá. - Enxotou-me como se faz aos animais doentes.

Fui até à saída da tenda. Estava na borda do mundo, prestes a enfrentar um precipício, quase a cair na boca da inexistência.

Vi o Cabral. Estava à minha espera para saber o que tinha acontecido.

- O meu filho morreu.

Abraçou-me genuinamente, como um camarada de armas. Conheci o Cabral no primeiro dia de recruta e passamos por muito. Já o tinha salvado, e ele a mim - agora não havia salvação possível.

- Quero estar sozinho. - Largou-me com os olhos vermelhos de sentir a superfície da minha dor.

Entreguei o papel ao Sargento.

- Quero ver-te fresco, amanhã na parada. - Acenei e fui para a caserna. Deitei-me. Fechei os olhos: era pior. Tudo o que fazia era pior. Cada gesto, cada pensamento, era pior que o anterior. Foi numa dessas voltas que me lembrei do Zé Golias: um camarada do pelotão que era conhecido pela sua enorme estatura. Ouvi-o a dizer, na brincadeira, que se pudesse fugia da guerra para ir ter com a namorada. Talvez não estivesse a brincar. Levantei-me e saí. Vi-o, de joelho dobrado e com um pé encostado a um dos barrotes da vedação, a fumar um cigarro. Olhava o céu, enquanto esperava o toque para o almoço.

- Golias.

- Olá. - Libertou uma baforada de fumo branco que se desfez no ar quente.

- Em que estás a pensar?

- Nada. Tudo.

- Com saudades da namorada?

- Muitas.

Encostei-me e olhei na mesma direcção.

- Vamos sair daqui?

- Que estás a dizer? - Olhou para mim.

- Ouvi-te dizer que querias fugir. É verdade?

- Estava a brincar.

- Eu não estou a brincar. Quero sair daqui. Vamos os dois.

Golias apagou o cigarro com a ponta da bota. Fungou e passou a mão pelo nariz. Semicerrou os olhos, como se estivesse a fazer um esforço para ver mais longe do que era capaz.

- Como sei se posso confiar em ti?

- O meu filho morreu. Quero sair daqui.

Olhou-me com gravidade. Passou a mão pela boca.

- Quando?

- Hoje à noite.

- É muito cedo. Não dá.

- Tem de ser hoje. Amanhã, o pelotão parte para a ponte.

Tirou outro cigarro e acendeu-o. Inspirou o fumo como se fosse o perfume da namorada. Olhou para o chão e brincou com a beata apagada na ponta da bota.

- Quando tocar para o recolher, esperas uma hora e vais ter comigo ao chaveiro. Sabes onde é?

- Sei.

- Não tragas nada contigo, deixa tudo na caserna.

Atravessei a parada em passo rápido. Entrei na caserna vazia e deitei-me no beliche. Tirei do bolso uma fotografia do meu filho, que levava para todo o lado. Uma fotografia que me roubava a alma.

Ainda não sabia se acreditava em Deus. Sempre pensei que iria viver muitos anos e que teria tempo para decidir, mas a morte apressa estas decisões. Acreditei. Imaginei que alguém recebia aquela pequena alma e a acolhia num sítio bom. Mais tarde, quando a alma crescesse, explicavam-lhe que o pai estava longe, num outro país, a matar homens que também eram filhos de outros pais – mas não queria lá estar.

Sons de guerra entravam na permeabilidade da tenda. Era já noite quando chegaram os camaradas do pelotão, gastos pelo cansaço do dia. Alguns, conhecedores da tragédia, passaram a mão pelo meu ombro e disseram palavras de pesar. Quando se ouviu o último toque de recolher, já todos estavam deitados no escuro. Foi nessa altura que os ecos da minha dor mais se propagaram no silêncio. Esperei, imóvel, que passassem os sessenta minutos. Levantei a cabeça. Um dos camaradas gemia sons desconexos, certamente com origem num sonho mau; outro libertava um ronco descompassado. Lá fora, ouvia-se o matraquear de correntes contra a madeira, ao sabor da leve brisa nocturna. Saí da cama e calcei as botas que já estavam preparadas no chão. Deixei a cama aberta e tudo no sítio. Vi o Cabral enrolado no sono e tive vontade de o chamar, de o levar comigo, de lhe dizer que este não era lugar para nós. Era demasiado tarde. Guardei a fotografia no bolso e saí. Desviei-me da lama seca do pátio e corri de costas vergadas, rente às tendas, para não ser visto. Nos postos de vigia estavam quatro sentinelas de espingardas em punho, prontos a disparar. Aproximei-me do chaveiro: um casebre de madeira mal construído que servia para guardar materiais de uso diário.

- Aqui. - A voz rouca de Golias arrepanhou-me a pele e a atenção. Estava de cabeça enterrada num casaco escuro, atrás de um barril abandonado. Baixei-me a seu lado.

- Como fazemos?

- Segura. Vamos precisar disto. - Passou-me uma sacola de pano com pães do dia e duas garrafas de água. Enfie a cabeça e um braço na alça de corda. Golias levantou-se até à porta. Levava uma camisola velha e uma barra de ferro que tinha surgido do escuro. Enfiou-a entre a corrente, encostou a camisola, e dobrou até rebentar. Um estalo seco abafou-se no pano.

- Entra. - Estava escuro mas Golias sabia o que fazia. Ouvi o tilintar de chaves que em breve emudeceu. Virou-se para mim, com olhos irrequietos, e entregou-me uma chave comprida e enferrujada.

- O que é que faço com isto?

- É a chave das cavalariças. Estão lá os oito cavalos dos oficiais. Escolhes apenas um: o maior. Cavalgas o mais rápido que conseguires até à porta principal. Vou abri-la. Subo para o cavalo e fugimos. Os guardas que estão de vigia vão dar o alerta, mas conseguiremos um avanço suficiente para que não nos apanhem.

Parecia-me um plano razoável. Uma fuga à bruta. Uma saída tempestuosa com gritos e uma possível perseguição. Adequada ao espírito dos intervenientes. O caminho que devia percorrer estendia-se pelo escuro, num caminho de pó, perto da ala Sul do acampamento militar. Não havia risco de chamar a atenção dos sentinelas.

- Encontramo-nos na porta. - Peguei na chave e passei-lhe a sacola de pano. Deslizei entre o escuro, com a cautela no limite.

Abri o portão das cavalariças. Os cavalos estavam presos por cordas. Três eram mais robustos. Um deles relinchou, como se pedisse salvação: escolhi esse. Postei-me à frente e passei-lhe a mão no pescoço. A corda soltou-se com dois puxões. Subi para a sela de couro coçado. Ajeitei as pernas doridas. Mordí o cavalo com uma palmada na anca e comecei a sentir o vento a soprar-me na cara com a velocidade do galope. Vi a porta. Vi os sentinelas a virar a cabeça. Vi Golias a acenar. Puxei as rédeas para abrandar o passo e deixá-lo subir para o cavalo - quase caímos com o seu peso. Já estávamos uns bons metros do lado de fora quando começaram os tiros. Rapidamente ganhámos distância e o tiroteio parou.

- Conseguimos, Golias. - Não tive resposta. Virei a cabeça e vi uma cara de sofrimento, e vi uma mão que tentava estancar sangue escuro que saía da barriga e se misturava com as roupas e com a pelagem castanha do cavalo.

- Não te preocupes. Continua.

As luzes do acampamento militar diminuam progressivamente e dissolveram-se no luar minguante da noite. Entrámos num vazio

alucinatório, um absoluto nada. Golias torcia-se de dor e dava indicações do caminho. Era já dia quando chegámos à costa - ao mesmo sítio onde, meses antes, tínhamos desembarcado. Percorremos um carreiro ao longo da praia até chegar a uma pequena aldeia de pescadores.

- Pára aqui.

Desmontei. Golias escorregou do cavalo para o chão sem que eu conseguisse ampará-lo. Fechou os olhos e rangeu os dentes. Dei-lhe água.

- Isso está feio. - Continuava a perder um sangue escuro que mostrava que o fígado tinha sido atingido.

- Vamos roubar um daqueles barcos - Apontou com o queixo. - Pelas minhas contas, demoramos cinco dias a atravessar o canal. Depois, estamos praticamente em casa.

Uma gaivota cruzava a praia, com o Sol a brilhar na cabeça e nas penas da cauda. Peguei na sacola e contei a comida: oito pães para cinco dias no mar. Seria à risca.

Peguei nos braços do Golias e levantei-o para as minhas costas. Tinha que o carregar até ao barco. Sofri como um cristo e caí três vezes. À terceira não o levantei: arrastei-o pela areia desenhando uma vala que atravessava a praia. Consegui deitá-lo dentro do barco. Empurrei o barco e vencemos a primeira ondulação.

- Vai sempre naquela direcção. - Apontou Golias, com um olho fechado e o dedo indicador ligeiramente mais esticado que os restantes.

- Descansa. Pensa na tua namorada. - Fechou o outro olho e esboçou um sorriso. Depois remei acompanhado por um Sol ardente e pelos gemidos do Golias. Cheirava a uma maresia forte, a entranhas de peixe e marisco estragado.

O sofrimento de Golias durou uma só noite. Quando acordei do primeiro sono, toquei-lhe na perna e levantei o casaco que tinha sobre a cabeça. Os olhos estavam abertos, mas não se mexia nem respirava. Ergui-o com os braços - pareceu-me mais leve, como se o peso da alma já o tivesse abandonado há muito - e deitei-o ao mar. Desapareceu entre a espuma e os brilhos do Sol reflectidos nas pequenas ondas.

A primeira noite que passei sozinho foi a pior. Não há companheiro mais cruel que o silêncio nocturno do mar. Enrolava-me no casaco do Golias, para me aquecer, e olhava para a fotografia que tinha no bolso. Cada vez que via aquela imagem, era como se uma bala me atravessasse a carne. Afinal tinha fugido da batalha, mas não conseguia fugir da guerra. Adormeci com a fotografia encostada à minha cara. Um pedaço de papel frio que me aquecia a noite.

O sono chegava. A dor esperava por mim. Amanhã. Outra vez.

Os raios oblíquos do sol matinal levantavam-me as pálpebras. O tempo custava a passar, os pães e a água estavam no fim, e pensei várias vezes em seguir o caminho de Golias. Até ver terra.

Levei o barco a embater nas rochas e saltei para chão firme. Andei até encontrar uma estrada e escolhi uma direcção ao acaso. Aquela era a minha terra: cheirava a cor e os pássaros cantavam. Momentos depois, parou um camião:

- Para onde vai? Quer fazer-me companhia?

- Claro que sim.

Percebi onde estava. O camionista iria levar-me até outra estrada. Depois teria que fazer o restante caminho a pé, não mais que um par de horas. A conversa começou por ser estimulante, depois tornou-se aborrecida, e por fim incomodativa. Passei o caminho em silêncio enquanto ouvia histórias sobre as prostitutas que faziam a vida na beira das estradas. Contou-me o que fazia e o que acontecia. E ria-se com gargalhadas estridentes. Pensei em matá-lo. Deixar o corpo numa valeta e levar o camião. Não seria capaz de o fazer, mas imaginei como seria.

Chegámos ao cruzamento e desci do camião. Reconheci o caminho. Comecei a correr, depois abrandei porque o cansaço desconjuntava-me os ossos. Os braços pendiam-me do corpo como se não fossem meus. Dores fulminantes estalavam nos músculos. Três horas depois, encontrei as primeiras casas da vila. A minha casa ficava numa das ruas do lado esquerdo, mas virei à direita. Desci uma rua deserta até chegar onde queria.

Cruzei o portão do cemitério. Estava vazio. Avancei até à parte nova e procurei as campas recentes. Encontrei. Uma pequena pedra de mármore com o nome do meu filho e uma foto igual à que tinha no bolso a preto e branco, num caixilho dourado.

Desci os olhos por temer o confronto com uma tristeza impossível. E quando olhei, deixei-me inundar pela insuportável assunção dessa tristeza que não devia existir. Evoquei todas as recordações para que vivesse mais um pouco. Percebi, naquele momento, que eu tinha que ser o que restava dele, amá-lo, vivê-lo. A morte não é um nada. Carregado de dor e aprendendo a viver com o medo, iria celebrar para sempre o pouco tempo que passámos juntos.

Senti uma mão no ombro. Imaginei-me de volta ao acampamento militar, com o sargento a dar-me ordens para matar ou morrer. Voltei-me e vi que era a minha mulher. Olhou-me como se estivesse à minha espera. Abraçámo-nos em silêncio sem saber como seria o futuro.